

CIL II 205, notável altar funerário (de Olisipo?)

* Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património
jde@fl.uc.pt

José d'Encarnação*

Resumo Estuda-se gracioso altar funerário romano dado como proveniente de Lisboa (*Olisipo*) e patente no Museu Regional de Évora. Procura mostrar-se o carácter invulgar da sua tipologia e decoração, que tem paralelos em Roma. O epitáfio patenteia a dor de um pai, liberto da bem conhecida gens *Caecilia* (de *Olisipo?*), que perde seus dois filhos de mui tenra idade. Os nomes que lhes foram dados — *Hermetianus* e *Silicianus* — são únicos, até ao momento, na epigrafia romana peninsular.

Abstract This paper deals with a gracious Roman altar presumably from *Olisipo*, which is showed at Évora Regional Museum. It presents a very singular typology and decoration, with parallels in the epigraphic monuments from Rome. The epitaph reveals the great pain of a father, freeman of the well-known gens *Caecilia* (of *Olisipo?*), who lost their children at a very young age. Their names — *Hermetianus* and *Silicianus* — are unknown until now in the Roman peninsular epigraphy.

Frei Manuel do Cenáculo foi um desses curiosos que por tudo se interessou.

Aquando da sua estada em Lisboa, ia recolhendo de bom grado as «antiguidades» que lhe ofereciam. Levou-as para Beja, com vista à organização do que se chegou a chamar de Museu Sisenando Cenaculano Pacense, de facto «o primeiro museu português», que criou em 1791. Tendo depois seguido para Évora, levou consigo as peças que, porventura, se lhe afiguraram de maior interesse. Entre elas, está

um elegante altar funerário, que, pertença do Museu Regional de Évora desde 1868, veio ilustrar, desde 18-05-2014, no Museu Nacional de Arqueologia, em Lisboa, a ‘exposição-dossiê’ evocativa do bicentenário da sua morte. Após a exposição, encerrada em Dezembro desse ano, voltou para o Museu de Évora, onde tem 1720 como n.º de inventário.

Esse altar terá sido identificado em Lisboa, segundo informação colhida no manuscrito de Frei Vicente Salgado, desconhecendo-se,

porém, onde e em que circunstâncias foi encontrado. Aliás, importa sublinhar que esta preocupação do 'onde' e das 'circunstâncias' resulta da nossa mentalidade atual, de encararmos a epígrafe como documento histórico. Nesse século XVIII, por mais ilustrados que fossem (e Frei Vicente Salgado bem no demonstrou que o era), a questão não se punha. Interessava era o letreiro, importava preservá-lo, até porque — como acontece no caso vertente — detém graciosidade bastante e fica bem numa coleção de antiguidades romanas!...

Direi das razões por que decidi «regressar» a este monumento. Primeiro, porque me encantou o requinte da decoração lateral e, também, os inusitados motivos ornamentais do capitel; depois, porque, tendo-o fotografado no âmbito da preparação da minha dissertação de doutoramento, tive de o deixar de parte, à espera de melhores dias, porque... não era do *conventus Pacensis*, como, de resto, logo me parecera, pois não há, na epígrafe romana do *conventus*, algo que se lhe compare; finalmente, porque, tendo-o reexaminado com mais atenção, me pareceu que poderia haver correções de leitura a fazer e, sobretudo, importava consciencializar o que, por exemplo, Vieira da Silva (n.º 142) escrevera:

Reconhece-se nitidamente que depois de gravada a inscrição à memória do filho Cecílio Hermeciano, foram intercaladas duas linhas. Uma entre a 3.ª e a 4.ª, em que se indica a idade com que faleceu este filho; e outra, entre a 4.ª e a 5.ª, em que se dá notícia do falecimento do irmão Siciliano Ateio, e da idade que tinha.

Tive dúvidas: o irmão era mesmo Siciliano Ateio? E, no final da penúltima linha, o lapicida terá posto no espaço em cima, entre as duas linhas, a indicação dos dias que a criança viveu: D XV será possível? Ou será D V?

A ara

Ara deveras graciosa, de mármore muito claro e compacto, não comparável, à vista desarmada, com, por exemplo, os melhores de Estremoz /Vila Viçosa (Fig. 1).

O capitel apresenta toro central em jeito de dorso de abóbada, com os quatro cantos rema-



Fig. 1 – Ara de Olisipo (foto de Guilherme Cardoso).



Fig. 2 – Desenho do álbum de James Murphy.

tados por (dir-se-ia) quartos de esfera, que sofreram (mormente os de trás) fraturas que os deixou incompletos. No frontão, os traços do gradim emprestam à superfície uma beleza que faz ressaltar a singela decoração, constituída, ao centro, pelo que poderia considerar-se a estilização linear de uma grinalda ou de uma coroa (com 4,9 cm de diâmetro), donde saem pecíolos, três de cada lado e dois para o interior, em baixo. A essa linha inferior se prendem, em delicada ondulação horizontal, os pecíolos de duas heras bem cordiformes, que vão aninhar-se na face dos dois 'toros' laterais (distância máxima entre as *hederae*: 22,2 cm)¹. Na molduração que separa o capitel do fuste à platibanda segue-se uma gola direta. Na base: gola reversa separada do soco por ranhura. Ostenta o soco, em jeito de decoração, os traços do gradim, de orientação predominante da direita para a esquerda, de cima para baixo. Na face lateral esquerda, em relevo, um jarro do tipo *urceus* (Fig. 3), mais requintado, porém, do que Hilgers apresenta sob o n.º 20, documentado na Casa de Menandro, em Pompeios².

¹ O desenhador de Murphy optou por apresentar (Fig. 2) uma decoração estilizada: da estrutura circular dum coroa pendem, de cada lado, ramos de louro bem nutridos de folhas.

² Anote-se que Hübner assinala, erroneamente, a existência de «*urceus et praefericulum*», pois há apenas um jarro.



Fig. 3 — O jarro — decoração da face lateral esquerda (foto de Guilherme Cardoso).

Fig. 4 — A pátera — decoração da face lateral direita (foto de Guilherme Cardoso).

Fig. 5 — Preparativos para o ritual da purificação. Pintura de um vaso grego.



³ Agradeço a André Carneiro a gentileza de ter procedido, no Museu de Évora, à medição do monumento.

⁴ A circunstância de o filho se chamar *Hermia*, antropônimo etimologicamente grego (Solín, 1982, pp. 338–340) e aparentado com *Hermes* e *Hermetianus*, é pura coincidência, mas não deixa de ser... curiosa coincidência! Agradeço a Ivan Di Stefano as informações complementares que prontamente me forneceu acerca dos dois altares dos Museus do Vaticano, inclusive as fotos da sua decoração lateral, em tudo idêntica à da ara de *Hermetianus*.

Sobre um idêntico já Anabela Bento teve ocasião de tecer considerações e para o seu estudo ora remeto. Permita-se-me que saliente a diminuta dimensão, que lhe confere maior encanto e o facto de, em habilidosa distorção, o canteiro dele nos mostrar a boca aberta, donde a serpente (essa é a representação da asa!...) parece sorver precioso néctar — como se da Morte se tratasse a alimentar-se de um suco de Vida!... Assenta o gargalo cilíndrico num elegante bojo em forma de tronco de cone invertido, que repousa em base de rebordo redondo. Dimensões (em cm): altura — 10,6; largura ao nível da boca — 5,6; largura no arranque do bojo — 1,8; espessura no bojo — 1,2. Na face lateral direita, a pátera está represen-

tada apenas com o bordo circular (de face lisa) em relevo, obtido — tal como no caso do jarro — por desbaste da face em que se insere (Fig. 4). Registem-se também as suas diminutas dimensões, a veicular o sentido simbólico de se destinar a documentar a intenção do dedicante de derramar permanentemente, em imagem, os perfumes balsâmicos que do jarro lhe deitariam para perfumar o cadáver do defunto antes da sua incineração (Fig. 5). Dimensões: diâmetro interior — 3,5; diâmetro exterior — 6; espessura — 0,8³. Não vou insistir — por evidente falta de provas — na possibilidade de este magnífico monumento ser obra, não de uma oficina olisiponense, mas de um ateliê romano ou de um artífice que veio de Roma para *Olisipo*; mas também não me é possível ocultar a clara semelhança que detetei entre esta ara e a que, em maio de 1996, fotografei no Cortile della Pigna do lapidário do Vaticano (Fig. 6), cujo texto reza o seguinte: *D(is) M(anibus) / L(uci) Marci Fortunati / nummulari(i) / de basilica Iulia / qui vixit ann(is) XL / II mens(ibus) III dieb(us) / XVIII fecit Mar/cia Zoe coniu/gi b(ene) m(erenti) / cum quo vix(it) / ann(is) XXVIII* (CIL VI 9711, inv. 9603).

É a mulher, Márcia Zoe, que se apresenta como autora do monumento (*fecit*) — voltaremos adiante a este aspeto; na l. 1, há apenas as siglas *D M*, a idade do defunto, apesar de não ter morrido jovem, vem especificada em meses e dias. Márcia Zoe viu também morrer seu filho e erige-lhe epitáfio na mesma oficina, com o mesmo modelo e texto idêntico (Fig. 7): *D(is) M(anibus) / L(ucio) Marcio / Hermiae / qui vix(it) ann(is) XLIX / m(ensibus) VIII dieb(us) XX / Marcia Zoe / filio / dulcissimo / b(ene) m(erenti) f(ecit)* [CIL VI 22078, inv. 22645]. É evidente o paralelismo entre os três altares funerários!...⁴

Dimensões: 54 x 23,4 (no capitel) / 27,4 (na cornija) / 23,4 (no fuste) / 27 (na base) x 14 (no capitel) / 15,5 (na cornija) / 14 (no fuste) / 15,5 (na base).

A epígrafe

D(iis) · M(anibus) / CAECILIO · P(ublili) · F(ilio) / HERMETIANO / V(ixit) · A(nnis) · II (duobus) · M(ensibus) · XI (undecim) · D(iebus) · XVII (septendecim) / ⁵ P(ublili) · CAECILIVS / SILI-

CIANVS · FRATER · AEIVS / V(ixit) · A(nnis) · VII
(septem) · M(ensibus) · III (tribus) · D(iebus) · VII
(septem) [vel sex] / HER·MES · / PATER · FECIT
Aos deuses Manes. A Cecílio Hermeciano. Viveu
2 anos, 11 meses, 17 dias. Siliciano, seu irmão,
viveu 7 anos, 3 meses, 7 (ou 6) dias. Públio
Cecílio Hermes, o pai, fez.

Altura das letras: l. 1: 3,6; l. 2: 2,8; l. 3: 1,6; l. 4:
0,4; l. 5: 2,6; l. 6: 0,9; l. 7: 2,8; l. 8: 1,9. Espaços:
1: 2; 2: 2,1; 3: 1,6; 4 a 7: 0,4; 8: 1,6; 9: 0,9.

Bibliografia: Sánchez, s.d., p. 32, n.º 3 [não con-
sultado]; Pérez, 1782, p. 128; Murphy, 1795,
p. 298, est. XIV, B; Jordão, 1859, pp. 196 e
332, n.º 437 (baseia-se num manuscrito de Frei
Vicente Salgado); CIL II 205; Pereira, 1885,
p. 16 (n.º 10); Barata, 1903, p. 75 (n.º 195);
Vasconcelos, 1904, p. 47⁵; Silva, 1944, n.º
142; Viana, 1946, n.º 195. ILER 4141. [http://
eda-bea.es/](http://eda-bea.es/), registo n.º 20 932 (baseado na
versão do CIL).

Variantes de leitura: l. 2: Hübner põe a hipó-
tese de haver *praenomen*; l. 3: ILERMETIANO
(Murphy), HERMETTANO (Jordão), HERMITANO
(Barata e Viana); l. 4: M · X (Hübner, ILER); l.
5: em <http://eda-bea.es/> inclui-se VII no final
dessa linha; l. 6: SICILIANVS (Silva, ILER), ATIVS
(Barata, Pereira), ATEIVS (Silva), EIVS (ILER), IV
(Bayer), IIII (Barata, Pereira, Viana), VI (Barata,
Pereira, Viana), XVII (Murphy), SVAVISSIMVS
(Jordão), em <http://eda-bea.es/> omitiu-se o
número dos dias.

Se as diferentes leituras da l. 3 se devem ter
mais na conta de gralhas do que de propostas
sérias de nova interpretação, o que se passa
com a l. 6 resulta da circunstância de essa linha
ter sido gravada em letras miudinhas, aprovei-
tando o espaço disponível — daí, por exemplo,
a opção de Jordão em ler SVAVISSIMVS (Fig. 9).
Em todo o caso, AEIVS lê-se bem e, na ver-
dade, essa grafia (por *eius*, «dele»), o genitivo
do pronome demonstrativo *is*) pode ter causa-
do alguma perplexidade, ainda que seja
fenómeno gramatical outras vezes documen-
tado, *ae* pelo som *e*, como, de resto, também
o contrário é verdadeiro (cf. CIL II, p. 1182).
A idade, minuciosamente indicada em relação
a ambos os defuntos, representou para o lapi-
cida excelente desafio, de que bem se desem-
penhou, inclusive não omitindo a pontuação, na



Fig. 6 – Ara do Vaticano ao marido de Marcia Zoe.

Fig. 7 – Ara do Vaticano ao filho de Marcia Zoe (foto de A. Faßbender).



l. 6, para que tudo ficasse muito claro⁶. Aliás,
outro tanto não ocorreu no caso do artista que
desenhou para Murphy, porque não só não
entendeu a palavra AEIVS como se viu forçado
a completar o texto numa linha suplementar
que acrescentou. O número de meses é três (e
não quatro) e, em relação à menção dos dias,
importa dizer que o D está gravado na linha,
mas o numeral ocupa o espaço interlinear 6.
Hesito em indicar VI ou VII, porque se me afi-
gura que o segundo I poderá estar no rebordo
que lascou; inclino-me mais para VII, no que sou
seguido por Hübner e por Vieira da Silva; Hüb-
ner põe VII como se estivesse gravado no segui-
mento da l. 5, o que não é correto.

Atendendo ao facto de anos, meses e dias virem
em sigla, tanto pode fazer-se o respetivo des-
dobramento no acusativo, como fizeram Pérez
Bayer e os editores de <http://eda-bea.es/>, ou
no ablativo. Optei pelo que é mais vulgar, o
ablativo; no entanto, não desdenharia o uso do
acusativo, a que pode prender-se a noção de
'viver em plenitude', não despropositada aqui,
embora mais devesse atribuir-se esse 'gozo de
viver' ao pai, que tão pouco tempo usufruiu da
doce presença dos filhos...

Escreve Hübner «6 postea interpositus est»), ou
seja, em seu entender, apenas a l. 6 foi gra-

⁵ Leite de Vasconcelos critica Barata por não ter lido o que Hübner e Gabriel Pereira haviam escrito; tem-se, porém, a nítida sensação de que não viu o monumento, pois, se o tivesse visto, aproveitaria o ensejo para dar a sua versão.

⁶ Agradeço à Dra. Luísa Guerreiro Jacinto, técnica superior do Museu Nacional de Arqueologia, ter-se disponibilizado para fazer a oportuna fotografia de pormenor que se apresenta (Fig. 10), acompanhando-me à reserva do museu, a 5-12-2014, quando a ara já se encontrava embalada para ser devolvida ao Museu de Évora.

Fig. 8 – O texto do epitáfio.

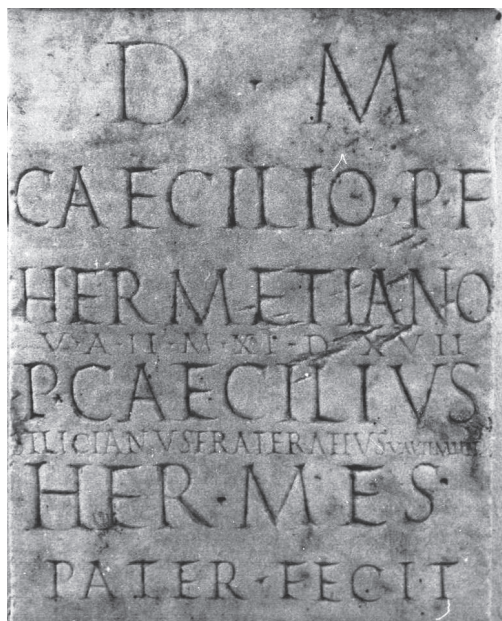
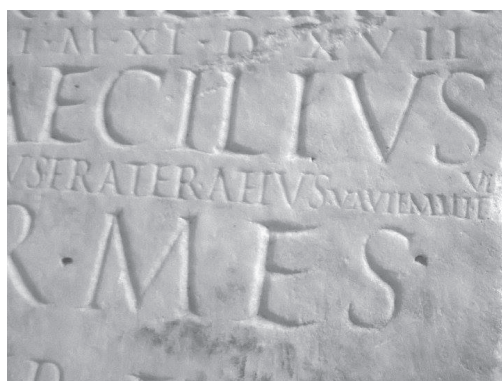


Fig. 9 – A versão de Levy-Maria Jordão.

437.
D. M.
CAECILIO. P. F.
HERMETIANO
V. A. II. M. XI. D. XVII.
P. CAECILIUS
SILICIANVS FRATER SVAVISSIMVS
HERMES
PATER FECIT

Fig. 10 – Pormenor da l. 6. Foto de Luísa Guerreiro.



vada em fase posterior à gravação do texto em módulo maior. Vieira da Silva opina, por seu turno, que «depois de gravada a inscrição» «foram intercaladas duas linhas». Sou desta opinião. E vou mais longe: a tenra idade com que Hermeciano falecera não justificaria que tal fosse mencionado no seu epitáfio, pois mais aumentaria a sensação de prematura perda — e sabe-se quanto a perda de um bebé é dolorosa! Aconteceu, porém, que logo de seguida morreu Siliciano, também ele com apenas pouco mais de sete anos; e, aí, o pai não resistiu e decidiu expor a dor que, a princípio, quisera guardar só para si. Como quem diz (e perdoe-se-me se ousar pôr na sua boca uma exclamação que a liturgia pascal católica põe na boca de Verónica, retirada do *Livro das Lamentações*, 1, 12): «O vos omnes, qui transitis per viam, attendite et videte si est dolor similis sicut dolor meus», «Ó vós todos, que passais

pelo caminho, parai e vede se há dor semelhante à minha!)). Assim imaginamos Hermes, no seu justificado pranto!... Tanto mais que, como adiante se dirá, estaremos mui provavelmente em presença de libertos e *Hermetianus* ascenderia à categoria de cidadão romano, para orgulho de seus pais (Fabre, 1981, pp. 199–200).

Se observámos a suprema delicadeza da decoração — que as circunstâncias atrás assinaladas perfeitamente fundamentam — importa igualmente dizer da enorme competência do *ordinator*, bem patente no cuidadoso alinhamento, na regularidade dos espaços (a fazer-nos sentir a presença prévia de linhas de pauta, ora imperceptíveis mas facilmente reconhecíveis nos vértices 'horizontais' dos caracteres) e na criteriosa escolha do módulo das letras que vai mui acertadamente diminuindo de cima para baixo. Realce-se que é justamente essa 'obediência' às linhas de pauta, presente também nas linhas 4 e 6, que empresta, à primeira vista, alguma dificuldade à leitura, porque os vértices são, aí, bastante acentuados na horizontal. A pontuação, triangular, foi usada de acordo com as regras e o recurso — de intencionalidade estética — ao ponto intersilábico na penúltima linha mais acentua o saber e a apurada técnica do *ordinator*.

Caracteres atuários, acuradamente gravados a badame, sentindo-se, nos traços horizontais, a vontade de quebrar a rigidez da linha reta; a ponta inferior da haste circular do P não toca na haste vertical e a perna do R arranca de um P previamente gravado; O e C ovalados; M bem aberto.

As personagens

Registe-se, em primeiro lugar, que o epitáfio assume inicialmente a intenção de memória; ou seja: não há expressa consagração aos deuses Manes, mas sim uma dedicatória aos Manes do defunto, cujo nome vem em dativo. E essa intenção está corroborada pelo facto de o pai — além de se apresentar como tal, vincando a correspondência com P(*ubl*ii) · F(*ilio*) patente na l. 2 — não ter usado a expressão, mais vulgar, F(*aciendum*) C(*uravit*), «tratou de que fosse feito», mas a forma verbal *fecit*, «fez», intencionalmente por extenso, para que dúvidas não restassem. Tal não significa obrigatoriamente que tenha sido ele o canteiro, mas pretende demonstrar o direto

empenho paterno na execução do monumento segundo as diretrizes que gizou.

A segunda questão prende-se com a pergunta: porque é só o pai o dedicante, quando se trata da morte prematura do filho primogénito? Não seria normal vir a mãe associada em tão doloroso transe? Sim, se estivéssemos noutra horizonte social. Pelo cognome — *Hermes* — o pai será, mui provavelmente, um liberto da influente gens *Caecilia* olisiponense. Como tal, a mãe de seu filho (de seus filhos, se quisermos, desde já, juntar *Silicianus*, que veio a falecer depois) poderá ter sido, eventualmente, uma escrava e mesmo que estivesse em vias de libertação ou, até, houvesse sido já alvo da *manumissio*, situar-se-ia sempre num escalão social inferior. Poderia causar estranheza esta afirmação se não acrescentássemos um pormenor a que, de resto, já se aludiu: *Hermetianus*, ao atingir a idade adulta, seria investido da toga de cidadão — e essa era a orgulhosa perspectiva de seu pai em relação ao primogénito varão. Aliás, também por isso lhe terá dado um nome expressamente derivado do seu: *Hermes* — *Hermetianus*⁷. E acrescenta-se, desde já, que está inteiramente correta a sua identificação: não tem *praenomen*, por ser um bebé (Hübner ter-se-á distraído quando pôs a hipótese de a sigla do *praenomen* estar no começo da l. 2...); tem o gentílico do pai (*Caecilius*) e o *cognomen*, que será, afinal, o que o distinguirá no seio da família. Veja-se, de resto, que o outro filho apenas é designado por esse nome distintivo, *Silicianus*, não se esquecendo o pai de sublinhar que... é *frater aeius!* Mais um toque de dor familiar que se não olvidou!...

Importa, finalmente, integrar a onomástica aqui presente no universo dos antropónimos romanos documentados quer em *Olisipo* quer na Lusitânia e, se necessário, no quadro do Império Romano. A simples observação do mapa 63 (p. 123) do *Atlas Antroponímico de la Lusitania Romana* elucida claramente da ampla concentração de membros da gens *Caecilia* nas cidades de *Olisipo* e de *Emerita*: 13 e 23 testemunhos, respetivamente, a que se deverá acrescentar, para Mérida, *L. Caecilius* de Juromenha (*IRCP* 449), pois se trata de cidadão inscrito na tribo *Papíria*, dessa colónia, e, para *Olisipo*, *Silicianus*, uma vez que, se se contou *Hermetianus* de dois anos, se deverá contar o irmão, que morreu com sete. É óbvio que poderá pôr-se a questão da pertença de todos os *Caecilii* emeritenses e olisiponenses à mesma família; eventual-

mente, não, mas o mais provável é que pertençam, distinguindo-se os 'ramos' pelos *praenomina*. Em *Olisipo*, apenas esta epígrafe refere um *P. Caecilius*; em Mérida, o único *P. Caecilius* tem, significativamente, *cognomen* etimologicamente grego: *Threptario* (mais verosímil que *Threpiario* lido em <http://eda-bea.es/>, registo N.º 25 631, porque aparentável com *Threptus*, *Threptianus*...), também ele em ambiente de libertos e cujo epitáfio, mandado fazer *beneficentissimo* por *Aesuria Epithumete*, foi gravado numa árula de grande semelhança com a de *Hermetianus*. Parece que continuamos a navegar nas mesmas águas...

Registe-se, ainda, que *Felicitas Iulia* homenageou o senador *L. Caecilius Celer Rectus*, que foi *quaestor provinciae Baeticae*, *tribunus plebis* e *praetor*. Discute-se não apenas a identidade deste senador e a sua identificação com um outro, mas também a sua origem olisiponense. Françoise Des Boscs-Plateaux (2005, p. 535) sugere que talvez essa hipótese possa levantar-se; eu não iria tão longe, optando por se tratar de alguém vindo de fora que exerceu forte influência, a nível político-económico, nas conhecidas relações entre *Olisipo* e a Bética, influência que poderá ter determinado a vinda para *Olisipo* de conceituados membros dessa gens, uma vez que um deles, *Caecilius Gallus*, aqui exerceu a edilidade (*CIL* II 192).

Dessa família terá sido *P. Caecilius Hermes*, um liberto. Pelo menos, o seu *cognomen*, etimologicamente grego, assim o dá a entender. A crer nas informações do atrás citado *Atlas Antroponímico* (p. 192, mapa 153), registam-se mais nove testemunhos do seu uso na epigrafia da Lusitânia, um dos quais nos arredores da cidade de Lisboa, como dedicante (com *Augus*) do altar a uma *dea*, de que ambos são *magistri* (*AE* 1983 470). Entre os dedicantes a Endovélico há o *marmorarius Hermes, Aureliae Vibiae Sabinae ser(vus)* (*IRCP* 497). No âmbito global da Península Ibérica, Abascal (1994, p. 385) cita 34 exemplos; em Roma, é seguramente um dos cognomes mais frequentes: Solin dá informação de 841 casos, 318 dos quais se referiam garantidamente a escravos e 51 garantidamente a libertos.

De *Hermes* derivou o nome do filho defunto, *Hermetianus*. É este o único exemplo na Lusitânia e mesmo na Península, se tivermos em conta que *IRC* IV 129 se apresenta como hipótese: «*Hermetianus* pourrait convenir»; Solin (1982, p. 353) registou 8 na epigrafia da cidade de

⁷ Regista-se na epigrafia de Roma um outro caso de pai *Hermes* e filho *Hermetianus* (*AE* 1988 165).

Roma, sendo um deles (Solin, 1982, p. 1361) *Fortunatus Caesaris nostri servus Hermetianus*.

Silicianus foi, por lapso, omitido no *Atlas Antroponimico* e também não surge no elenco de Abascal. Kajanto (1965, p. 155) inclui-o entre os cognomes latinos derivados de gentílios, neste caso, de *Silicius*, registando-se mesmo, em CIL VIII 2723, um *Silicius Silicianus*; aduz apenas 5 testemunhos (4 homens e 1 mulher), assinalando que é nome cuja ocorrência se verifica ‘mostly’ na África, concretamente na *Africa Proconsularis*, posso acrescentar. De facto, uma rápida incursão pela epigrafia dessas paragens acabou por se revelar sugestiva. Esse *Silicius Silicianus*, flâmine perpétuo, possivelmente contemporâneo de Diocleciano, terá sido o *curator* de importante iniciativa em *Lambæsis*, pois o seu nome figura num fragmento de friso entre os arcos e o templo de Esculápio da cidade (Dupuis, 1989, p. 183, n. 12). A propósito da estela funerária de *Silicia Namgidde* (CIL XIII 3147), encontrada em Corseul, na Bretanha, cidade que se chamou *Fanum Martis* e foi capital da *civitas Coriosolitarum*, Paul Henry e Nicolas Mathieu assinalam a sua origem africana,

que comprovam aduzindo (p. 20, n. 83) as treze ocorrências de *Silicius* e *Silicianus* patentes nos índices de CIL VIII (pp. 1014 e 1035).

Que conclusões poderão retirar-se destas anotações?

Que — tal como acontece no que respeita à tipologia do monumento, com esses (aparentemente eloquentes) paralelos em Roma — também a onomástica aponta no sentido de vermos aqui influências alheias à Lusitânia e, até, à Península Ibérica, com fortes ressonâncias africanas?

Que — atendendo ao facto de Frei Manuel do Cenáculo ter estado em Roma e de Roma ter recebido ‘prezadas’ epigráficas — esta ara da Cidade Eterna pode ter vindo na 2.ª metade do século XVIII? Não consta do *corpus* preparado por Mazzocchi; mas não é impossível que venha a encontrar-se em qualquer outro dos muitos manuscritos sobre as epígrafes de Roma anteriores a esse século.

Não se pode negar, de facto, que, desses pontos de vista, estamos perante uma epígrafe *sui generis*, digna de ocupar lugar de destaque no panorama da epigrafia olisiponense. Valeu a pena ‘revisitá-la’!

Bibliografia citada

ABASCAL PALAZÓN, Juan Manuel (1994) - *Los nombres personales en las inscripciones latinas de Hispania*. Madrid: Universidad Complutense; Murcia: Universidad.

Atlas = NAVARRO CABALLERO, Milagros; RAMÍREZ SÁDABA, José Luis, eds. (2003) - *Atlas antroponimico de la Lusitania romana*. Mérida: Fundación de Estudios Romanos; Bordeaux: Ausonius.

BARATA, António Francisco (1903) - *Catálogo do Museu Archeologico da cidade de Evora : anexo de sua bibliotheca*. Lisboa: Imprensa Nacional.

BENTO, Anabela (1996–1997) - A propósito do jarro de um altar romano do Museu de Évora. *A Cidade de Évora*. Évora. II série. 2, pp. 57–65.

DES BOSCS-PLATEAUX, Françoise (2005) - *Un parti hispanique à Rome?: ascension des élites hispaniques et pouvoir politique d'Auguste à Hadrien (27 av. J.-C. – 138 ap. J.-C.)*. Madrid: Casa de Velázquez.

DUPUIS, Xavier (1989) - Un nouveau document de Lambèse concernant M. Aurelius Decimus. *Antiquités Africaines*. Aix-en-Provence. 25, pp. 177–190.

FABRE, Georges (1981) - *Libertus: recherches sur les rapports patron-affranchi à la fin de la République romaine*. Rome: École Française de Rome.

HENRY, Paul; MATHIEU, Nicolas (2003) - Corseul: lever le rideau sur une capitale?. *Annales de Bretagne et des Pays de l'Ouest*. Rennes. 110:3, pp. 7–32.

HILGERS, Werner (1969) - Lateinische Gefässnamen: Bezeichnungen, Funktion und Form römischer Gefässe nach den antiken Schriftquellen. Dusseldorf: Rheinland-Verlag.

ILER = VIVES GATELL, José (1972) - *Inscripciones latinas de la España romana*. Barcelona: Universidad.

IRC IV = FABRE, Georges; MAYER I OLIVÉ, Marc; RODÀ DE LLANZA, Isabel (1997) - *Inscriptions romaines de Catalogne - IV. Barcino*. Paris: De Boccard.

IRCP = J. d'Encarnação (1984) - *Inscrições romanas do conventus Pacensis. subsídios para o estudo da romanização*. Coimbra: Universidade. Acessível em: <http://hdl.handle.net/10316/578>.

JORDÃO, Levy Maria (1859) - *Portugalliae inscriptiones Romanae*, vol. I. Lisboa: Tipografia Academica.

KAJANTO, Iiro (1965) - *The Latin cognomina*. Helsinki: Societas Scientiarum Fennica.

MAZZOCCHI, Jacopo (1521) - *Epigrammata antiquae urbis*. Roma: Jacobus Mazzocchi.

MURPHY, James (1795) - *Travels in Portugal; through the Provinces of Entre Douro e Minho, Beira, Estremadura, and Alem-Tejo, in the years 1789 and 1790: consisting of observations on the manners, customs, trade, public buildings, arts, antiquities, &c. of that kingdom buildings, arts, antiquities, &c. of that kingdom*. London: A. Strahan, and T. Cadell Jun. and W. Davies.

PÉREZ BAYER, Francisco (1782) - *Diario das primeiras viagens que fez por terras de Portugal...*, 1782, transcrição parcial in *O Archeologo Português*. Lisboa. 24 1920 pp. 111–175.

SÁNCHEZ SOBRIÑO, Sebastian (s.d.) - *Viaje Topografico desde Granada a Lisboa, s/ l., 1774* [publicada sob o pseudónimo Anastasio Franco y Bebrinsaez]. [Segundo informa Vieira da Silva (p. 316), viu, em Junho de 1773, em Lisboa ou em Beja, «a colecção de inscrições organizada por Fr. Manuel do Cenáculo, sendo o primeiro que nos deixou notícia da sua existência». Terá mandado fazer cópia das epígrafes].

SILVA, Augusto Vieira da (1944) - *Epigrafia de Olisipo: subsídios para a história da Lisboa romana*. Lisboa: Câmara Municipal.

SOLIN, Heikki (1982) - *Die griechischen Personennamen in Rom: ein Namenbuch, Band I*. Berlin; New York, NY: Walter de Gruyter.

VASCONCELOS, José Leite de (1904) - *Bibliographia. O Archeologo Português*. Lisboa. 9, pp. 43–48. [Trata-se de uma recensão crítica, bastante severa, do livro de A. F. Barata, o qual lhe viria a responder num folheto, a que Leite de Vasconcelos replicará com sarcasmo, na p. 258 do mesmo volume da revista. Concretamente em relação a *CIL* II 205, acusa-o de não ter visto o que sobre a epígrafe já se escrevera].

VIANA, Abel (1946) - *Museu Regional de Beja: secção lapidar*. Beja: Minerva Comercial.